

# JORNAL DE BRASÍLIA Tremendo na base

As fundações da economia brasileira estão vergadas pelo mercado em ebulição: vai faltar energia, continua faltando petróleo, pode faltar aço, já está faltando transporte, volta a faltar telecomunicação.

Os projetos faraônicos dos anos 70 estão literalmente ocupados pela nova escala do PIB verde-amarelo. E o que é pior: temos de reinjetar a poupança escassa nas bases do sistema, com ou sem plano de metas. O diabo é que a sociedade inteira pressiona o modelo do pau-na-máquina na cobrança das promissórias vencidas da dívida social, estimada em centenas de bilhões de dólares....

A crônica da semana passada dá calafrios. A produção industrial está crescendo de 11,5% nos últimos doze meses, na verificação do IBGE. A taxa de expansão é ainda maior, de abril para cá. O setor está em tempo de aceleração. E o mais importante: com aumento de 55%, de janeiro a junho, no número de cartas-consulta e de pedidos de financiamento a longo prazo nas carteiras do BNDES. Seu presidente, André Franco Montoro Filho, revela que as grandes empresas privadas voltaram a dialogar com o banco, depois de meia década de desconversa. E as pequenas empresas estão descobrindo o banco: no primeiro semestre, os pedidos de financiamento nessa faixa cresceram de 64%.

A retomada dos investimentos no setor privado faz da reativação dos projetos na área estatal uma corrida contra o relógio de quartzo.

Agosto vai desvendando o esboço do Programa Nacional de Minerais Estratégicos, ao lado dos primeiros vazamentos sobre o conteúdo da nova política industrial do Governo — ou da primeira política industrial do Brasil. O presidente da Siderbrás, «holding» estatal do aço, anuncia «exigência de duplicação» do parque siderúrgico nacional até 1995 — se o PIB crescer de 6% ao ano. O setor teria de contar com uma ração suplementar de US\$ 8 bilhões.

## Religando as tomadas

O noticiário da energia é um espanto.

A OPEP acertou seu primeiro acordo de redução da oferta e os barris do «brent» e do «texas» já emplacaram uma alta de 32%. Também na semana passada, a Petrobrás abriu seu demonstrativo semestral de contas e de obras, informando que o consumo de derivados volta a crescer de 13% ao ano, como nos tempos do «milagre». E mais: as reservas brasileiras de óleo e de gás, se empenhadas na cobertura total do consumo interno, estarão esgotadas em 1997.

Demanda fervendo aqui dentro e cotação esquentando lá fora,

a Petrobrás agora deita e rola: o negócio é sustentar (ou mesmo acelerar) seu programa de investimentos em pesquisa e produção — só o nariz torcido dos bastidores palacianos, ainda de olho gordo nos lucros de 1,1 bilhão de dólares (em cruzados) que a estatal apurou de janeiro a junho.

Mário Behring, presidente da Eletrobrás, levanta a mão: energia elétrica está no vermelho e ameaça empurrar a economia brasileira para o desvio do racionamento. E o ministro Aureliano Chaves não deixa por menos: temos de instalar 3,1 milhões de quilowatts por ano, até 1990. O potencial já instalado, de 43 milhões de quilowatts, não vai segurar a barra do consumo que tende a crescer mais rápido que o PIB: o Brasil ainda está em fase de «eletrificação» no campo, na cidade, na fábrica, no transporte.

O assessor do ministro para assuntos de energia, José Israel Vargas, aposta uma caixa de ulsque: em 1992, o racionamento terá de acomodar um «déficit» de 2,5 milhões de quilowatts. E não por falta de água ou de chuva, mas por falta de lago, barragem, turbina, gerador, linha, tomada...

A soma das partes volta a ser maior que o todo.

O ministro Aureliano Chaves deve administrar as exigências encavaladas da Petrobrás, da Eletrobrás e da Nuclebrás — sem contar as demandas não menos nervosas da vasta ala da mineração.

Petrocratas e eletrocratas estão disputando o abre-te-sezamo da «prioridade um» na área energética. E com os nucleocratas saindo da fossa: se o Governo não religar o programa nuclear, enovelado na área técnica e contaminado pelo efeito Chernobyl, o Brasil vai ficar no escuro, jura José Israel Vargas.

## Cego, parado, surdo e mudo

No escuro, sem energia. Parado, sem aço. E mudo, sem telefone.

A advertência estourou também na última semana: o setor de telecomunicações, «o mais belo projeto do Brasil nos anos 70», está no limiar do colapso. As filas do telefone domiciliar deram de superar, em comoção televisiva, as filas do leite azedo. A telefonia urbana perdeu o pé em Brasília, Goiânia, Belo Horizonte, Florianópolis e Porto Alegre, cidades que acusam um pesado «déficit» de terminais. O orçamento da Telebrás, fixado em Cz\$ 16,2 bilhões, não alcança a ampliação da rede — nem só de telefonia urbana vive o setor de telecomunicações.

Há exatamente dez anos, em valores corrigidos para hoje, o mesmo orçamento anual da Telebrás estava no patamar de Cz\$ 26 bilhões.